

A ESTETICIZAÇÃO E A ESPETACULARIZAÇÃO DA CIDADE PÓS-MODERNA

Fernando Cruz¹

Resumo: A cidade contemporânea é caracterizada por espaços públicos criados para o espetáculo, quando deveria ser pensada e criada pela e para a sociedade no seu conjunto. Os espaços de consumo e lazer negam a construção temporal da cidade, a convivência com o “outro”, o surgimento da diferença e da singularidade, vacilando entre o análogo e a surpresa imaginável. Tendo por base trabalho de campo de cariz etnográfico efetuado entre 2007 e 2011, propomo-nos analisar e refletir a utilização de dois espaços públicos na área metropolitana do Porto (Portugal), nomeadamente a Avenida dos Aliados (Porto) e a zona ribeirinha do Cais de Gaia (Vila Nova de Gaia), concluindo pela clara opção por parte dos poderes públicos pela vertente turística em detrimento da população residente.

Palavras-chave: espaço-lixo, espetáculo, mediatização, espaços públicos, cidade pós-moderna.

1. Do “espaço-lixo” à arquitetura do “espetáculo”

Rem Koolhaas propôs o conceito de “espaço-lixo” para caracterizar o produto da modernização, repelindo deste, a própria arquitetura. Atualmente, a construção é superior em termos quantitativos face ao que ocorreu no passado, no seu conjunto, que se preocupava sobretudo com cânones de beleza, mas também com os indivíduos. A preocupação contemporânea é sobretudo com as massas. (KOOLHAAS, 2007, p. 6-7)

Como afirma Koolhaas, (2007, p. 8), “se a arquitetura separa os edifícios, o ar condicionado une-os”². Deste modo, e com esta distorção metonímica, realça o fato de na cidade, os edifícios não existirem isoladamente, mas interligados entre si, em termos organizativos e comunicativos. Critica, por isso, a excessiva preocupação contemporânea com as massas e com os objetos em detrimento do espaço. “Os arquitetos nunca puderam explicar o espaço; o “espaço-lixo” é o nosso castigo pelas suas confusões.”² (KOOLHAAS, 2007, p. 9) O “espaço-lixo” é, no seu entender, a contrapartida do espaço, “um território com problemas de visão, expectativas limitadas e uma seriedade reduzida”², substituindo “a hierarquia pela acumulação, a composição pelo acréscimo”². (KOOLHAAS, 2007, p. 10)

¹ UFRN. fmrcruz@gmail.com.

² Tradução nossa.



O “espaço-lixo” – ou a megaestrutura, segundo os arquitetos – consiste no espaço caótico, homogeneizado e padronizado, constituído por múltiplos subsistemas temporários, fora de controlo. Estes estão conetados com as necessidades fisiológicas e o consumo diário implica a manutenção destes espaços, “o turno da noite desfaz os danos do turno de dia numa interminável repetição à moda de Sísifo”². Cada trajetória é estritamente singular ainda que se trate de arquitetura de massas. A liberdade é expressa pela anarquia do movimento, errante mas decidido, “um espaço de colisão, um contentor de átomos, multicolor, sem densidade...”². (KOOLHAAS, 2007, p. 17-23)

A cidade contemporânea é caracterizada por espaços públicos criados para o espetáculo, colocando de parte o espaço público pensado e criado pela e para a sociedade no seu conjunto. Os espaços de consumo e lazer negam a construção temporal da cidade, a convivência com o “outro”, o surgimento da diferença e da singularidade, vacilando entre o análogo e a surpresa imaginável. A novidade é imprescindível, mas para assegurar que não é rejeitada, é difundida previamente pelos meios de comunicação social para que a incorporem inconscientemente, de modo a ser reconhecida no quotidiano. (MUXÍ, 2004, p. 107-113) A “arquitetura do espetáculo”, esquecendo a pobreza e os défices sociais, procura criar a ideia de “cidade como comunidade” afastando a da “cidade sitiada”, sobretudo no que diz respeito ao centro da cidade e aos espaços públicos. Daí que, a “comercialização” e encenação institucionalizada quase permanente do espetáculo, procurem, através de parcerias público-privadas, promover uma urbanização comercial em grande escala. Por último, a periodização do espetáculo urbano serve, nas palavras de Otilia Arantes, para substituir o “espetáculo como forma de resistência ou de festa popular revolucionária pelo espetáculo como forma de controle social.” (ARANTES, 2007, p. 22-24)

2. A promoção e a espetacularização dos espaços públicos

O urbanismo moderno pretendeu através do zonamento funcional afastar a pluriatividade, o que hoje em dia, é um modelo social e cultural inaceitável. Contudo, a plurifuncionalidade dos espaços urbanos não muda a necessidade dos habitantes da metrópole se deslocarem para fora da sua vizinhança seja para trabalhar, efetuar compras, ir à escola, à universidade, ao cinema ou assistir a um espetáculo (ASCHER, 1998, p. 98) A cidade oferece, em contraposição aos meios audiovisuais, atividades que assentam nas emoções, sobretudo ao nível da visão e do entendimento. O turismo procura oferecer experiências diretas: as atividades físicas e desportivas mobilizam um

número cada vez maior de praticantes; os parques temáticos e as feiras apelam ao movimento, ao contato e aos odores; a restauração permite viajar à procura de sabores novos e tradicionais; os espetáculos ao vivo, culturais e desportivos foram revitalizados; e os museus, as galerias de arte permitem ver o “autêntico”. Ora, todas estas atividades valorizam os espaços urbanos. (ASCHER, 1998, p. 48) Os centros históricos reabilitados estão, em maior ou menor grau, a converter-se igualmente em palcos de sociabilidades espetacularizadas e de encenação da vida quotidiana, constituindo-se como uma espécie de nova realidade alegórica das cidades. (PEIXOTO, 2003, p. 222)

Como refere Ascher (1998, p. 174), os espaços públicos são os espaços do “visível”, o que lhes confere uma certa afinidade com os espaços do espetáculo, e em particular, o espaço teatral. Daí a importância da encenação e da cenografia na concepção do design urbano. Contudo, o espaço público não é apenas “visível”, regulando o “direito de olhar”, é também acessível através do “direito de visita”. As práticas sociais verificadas ou possíveis conferem caráter público ao lugar, podendo ainda, as formas, as configurações espaciais e os estatutos jurídicos facilitar ou proibir essas mesmas práticas. Por outra parte, a importância do “direto” na sociedade atual, fortemente mediatizada, é assumida, sobretudo pelos quadros superiores, profissionais liberais e quadros médios, nomeadamente para assistirem a concertos, espetáculos de dança, ou visitarem exposições temporárias, monumentos históricos e museus. Por outro lado, sair à noite ou aos fins-de-semana, não só para assistir aos espetáculos, mas para comer num restaurante, encontrar familiares ou amigos, participar nas atividades de alguma associação ou coletividade demonstra um aumento da mobilidade ainda que não signifique um aumento da sociabilidade global, mas pelo contrário um enfraquecimento das relações de vizinhança. (ASCHER, 1998, p. 91)

Os espaços públicos estão muito longe de responder aos valores de conforto e prazer, apesar de respeitarem dimensões funcionais, estéticas e simbólicas. À semelhança dos espaços interiores, estes espaços deveriam ser cómodos, ergonómicos, agradáveis, adaptados, adaptáveis, eficazes, belos, modernos e familiares. Todavia, apesar da evolução do aspeto visual, da estética e da encenação da cidade, a qualidade urbana limita-se sobretudo à imagem desta. Os sentidos da audição, do olfato e do tato são esquecidos na concepção da cidade ou na sua requalificação. (ASCHER, 1998, p. 178)

No decorrer do século XX, fruto das vagas de imigração, as cidades viram as suas populações, reconhecidas como homogéneas, metamorfosearem-se em populações

heterogêneas, étnica e socialmente. Esta alteração teve como consequência um grande impacto ao nível da cultura pública. (ZUKIN, 2006, p. 260) Cremos, tal como Muxí (2004, p. 1), que quer a arquitetura, quer o urbanismo não existem isoladamente da realidade política, social, económica ou tecnológica. Concomitantemente, os monumentos são espaços de celebração do mito através de rituais, ou seja, da repetição de condutas pré-estabelecidas a partir das quais se reafirma e consolida a memória coletiva. Os novos monumentos são, cada vez mais, aqueles que reúnem os valores correspondentes à sociedade de consumo que estão na base da cidade global. Os novos rituais criam padrões de conduta em que nos reconhecemos, desde o vestuário até aos estabelecimentos que devemos frequentar, fruto da estratégia publicitária, reinventando o mito coletivo. (MUXÍ, 2004, p. 42-43) Por outro lado, os habitantes dos arredores frequentam pouco os espetáculos e os entretenimentos, devido à escassez da organização destes, no lugar onde vivem. Assim, há que ponderar, nestes casos, o nível de subdesenvolvimento que os rodeia, a distância ao centro e o tipo de espetáculo. (CASTELLS, 2001, p. 30)

As cidades com um maior número de jovens, com habilitações literárias e rendimentos elevados, com profissões e ocupações técnicas dispõem de mais atividades em grupo, o que implica um maior consumo relativamente aos residentes. (CLARK, 1994, p. 56) O reencantamento da vida urbana funda-se, nestes casos, em espaços públicos livres, imprevistos (ou emotivos), concretos e periféricos. (LOPES, 2009, p. 180) A cidade contemporânea simula, nesse caso, quer no que respeita à era da cultura e economia eletrónicas, onde a cidade repetidamente reduplica através da rede dos media e da sua estrutura informativa, quer pela imaginação social, a qual é incorporada no simulacro como no caso dos parques temáticos, bairros históricos e hipermercados que marcam um corte em relação ao resto da cidade. (MACIOCCO, 2008, p. 62)

O simulacro é um escape, uma visão simplista, quase marginal da realidade para aqueles que procuram o original e querem ser eles próprios a conhecer e a refletir sobre ele. (MACIOCCO, 2008, p. 55-56) O simulacro é então um grau de imitação tão perfeito que se torna quase impossível detetar a diferença entre o original e a cópia. Possuímos também a capacidade de acumular imagens do passado ou de outros lugares de forma eclética e simultânea. Assim como possuímos a capacidade de as transformar em simulacros materiais que, em muitos aspetos, quase não se distinguem dos originais. (HARVEY, 2004, p. 320) Deste modo, a preservação do real tende a confundir-se com a simulação e os espaços pós-modernos servem para reforçar ou ajudar a recriar os

“lugares” já perdidos através da realização de rituais, espetáculos de simulação ou de participação. As novas classes médias e, em especial, aqueles que possuem níveis mais elevados de literacia, ou trabalham em indústrias culturais ou afins, são aqueles que estão mais disponíveis para vivenciarem a reconstrução de lugares ou a envolverem-se nas “comunidades imaginadas”. (FEATHERSTONE, 2001, p. 96)

A cidade contemporânea é cada vez mais uma cidade narrada, em que a fronteira entre a cidade e o seu relato tende a perder-se. O mundo real transforma-se num espetáculo permanente, onde não existem barreiras entre ator e espetador, simulação e realidade, história e ficção, graças aos meios de comunicação social. A cidade pós-moderna fundamenta-se, por conseguinte, num pacto coletivo de simulação, onde o espetáculo integra o quotidiano da cidade e a trama dos espaços e tempos da experiência metropolitana. A cidade torna-se assim um palco onde o espetáculo é o princípio organizador da vida enquanto dimensão da experiência quotidiana. (AMENDOLA, 2000, p. 140-141)

Hoje em dia, um equipamento urbano, como um museu ou um espaço museológico, é um elemento diferenciador empresarial e um fator potencial turístico da cidade a ter em conta. Para a sua existência, é necessário, ser mediatizado para que se constitua como foco aglutinador turístico. A cultura só é rentável quando consegue atrair multidões. (MUXÍ, 2004, p. 147-148) Há que pensar, no entanto, na capacidade destes equipamentos se relacionarem com o lugar, pois independentemente da sua qualidade arquitetónica, pode gerar uma área urbana de fácil degradação, se a sua apropriação quotidiana e doméstica estiver impossibilitada. “Sem esta apropriação a cidade não existe, apenas um mero cenário vazio”.² (MUXÍ, 2004, p. 149) O património intangível não é inferior ao tangível e as cidades que não têm um grande património material valorizam os signos imateriais relacionados com a identidade, as formas de orientação, a evocação e a memória. Não podemos também esquecer que o património de um Estado ou de uma cidade não é partilhado da mesma forma pelos seus habitantes. Representando experiências comuns, expressam igualmente disputas simbólicas entre as diferentes classes sociais, grupos e etnias que compõem a cidade. (CANCLINI, 1999, p. 94-95)

Nos Estados Unidos, o crescimento económico foi tematizado e vislumbrado como imagem do lazer coletivo e do consumo. O espaço público foi representado como mercadoria consumível. Por conseguinte, mesmo quando não é comprado e pago, como na Disney World, o espaço público associa-se ao espaço comercial, promovendo a sua

privatização e os valores comerciais. (ZUKIN, 2006, p. 260) A venda da cidade como localização de uma atividade depende muito da criação de um imaginário urbano atrativo. Muito do que foi feito nestas últimas duas décadas procurou construir um imaginário físico e social das cidades, adequado a esse fim competitivo. A produção de uma imagem da cidade deste tipo tem igualmente consequências políticas e sociais internas. Daí que, a sua produção possa também ajudar a criar um sentimento de solidariedade social, de orgulho e de lealdade ao lugar, permitindo inclusive que essa imagem proporcione um refúgio mental num mundo em que o capital se caracteriza pela ausência de lugares. (HARVEY, 2007, p. 386)

As cidades adoptam elementos de merchandising como a “marca”. Quanto mais emblemáticas são as cidades, mais estas estarão presentes em todos os domínios, levando assim a maiores investimentos. Paradoxalmente, estas tornam-se dependentes do turismo, uma vez que tendem a esquecer a sua diversidade e os próprios cidadãos em prol da lógica turística. Esta não se contenta com o domínio e a mudança de lógicas e estruturas de usos e funções das cidades, obrigando-as a criar novos lugares para complementar a oferta turística. Criam-se assim, “não-lugares” como as das grandes superfícies ou das áreas cénicas das cidades que oferecem espaços controlados e pensados para o consumo. (MUXÍ, 2004, p. 106-107) Quanto mais a Europa se disneyfica e homogeneiza, menos singular e especial se torna, eliminando as suas próprias vantagens. Para tornar efetiva a sua vantagem monopolista, é necessário encontrar algum modo de tornar os bens ou os lugares suficientemente singulares e especiais. A competência tende para o monopólio ou oligopólio, uma vez que a sobrevivência dos mais aptos tende a eliminar as empresas mais débeis. Quanto mais agressiva é a competência, mais rápida é a tendência para o oligopólio, ou mesmo, para o monopólio. Nesta dinâmica estrutural, os capitalistas exercem um poder de amplo alcance sobre a produção e a comercialização e, desse modo, estabilizam o meio empresarial para permitir o cálculo racional, o planeamento a longo prazo, a redução do risco e da incerteza e a garantia de uma existência relativamente tranquila e estável. (HARVEY, 2007, p. 420)

3. A Avenida dos Aliados (Porto)

Na última década do século XIX, a cidade do Porto discutiu o projeto “Avenida da Cidade”, de claro pendor simbólico e “afirmação do poder público”. Com este pretexto, o Eng. Carlos Pezerat apresentou, em 1889, um projeto para a abertura de uma

avenida entre a Praça D. Pedro (antiga Praça Nova ou Campo das Hortas) e a Praça da Trindade para a construção dos novos Paços do concelho. Deste, constava a construção de um “Passeio Público” com a ala central arborizada, ladeada por canteiros simétricos, com cursos de água, lagos, estátuas, coretos e pequenas pontes. É, no entanto, o vereador Elísio de Melo que lança, em 1914, o projeto da “Avenida da Cidade”, encomendado a Barry Parker. Esta é a primeira de uma série de grandes intervenções no início do século XX, na cidade do Porto, onde também se destaca a construção do Mercado do Bolhão, a Rua Sá da Bandeira, a Avenida da Boavista e a Estação de S. Bento. (MARTINS, 1996, p. 64-65)

A Avenida dos Aliados, planeada por Barry Parker, é, no entanto, executada pelo arquiteto portuense Marques da Silva. Tratava-se do maior espaço público urbano projetado na cidade em que uma avenida central, de gosto cosmopolita, seria ladeada por fachadas de edifícios ao gosto beaux-artiano. Edificada nos inícios do séc. XIX caracterizava-se pela existência de pavimento em basalto com desenhos alusivos aos descobrimentos e à colonização. Os jardins e as árvores tornavam o ambiente bucólico e a estátua equestre de D. Pedro IV apontando para o Brasil completava em termos simbólicos o boulevard do Porto. (SOUSA, 2007)

A implementação do metro na cidade – a partir do ano 2000 – e a necessidade de revitalizar o centro urbano levaram Siza Vieira e Souto Moura, os arquitetos responsáveis pela renovação da baixa, a apresentar e executar uma nova imagem para a Avenida dos Aliados – concluída em 2006. Deste modo, a faixa central foi planeada para estar livre permitindo uma maior funcionalidade e criatividade. As duas estátuas mantidas no eixo central e a abertura de uma fonte, bem como as mesas e as cadeiras semi-amovíveis caracterizam a nova Avenida. Desapareceu por conseguinte, a vegetação rasteira e as barreiras físicas. As árvores existentes na praça central foram retiradas e foram plantadas mais árvores no topo da Avenida e ao longo dos passeios laterais, agora mais largos. Por último, a calçada portuguesa deu lugar a um pavimento granítico. (SOUSA, 2007)

No decurso do nosso trabalho de pesquisa pudemos observar, neste espaço público, a organização de eventos políticos como as comemorações do 25 de Abril ou do 1º de Maio, mas também eventos estudantis, como o Cortejo da Queima das Fitas ou a Recepção ao Caloiro pela Academia. Organizaram-se igualmente eventos desportivos como provas de atletismo – Corrida da Mulher – ou de automobilismo – Road-Show Rally de Portugal –, eventos culturais como a Feira do Livro, Concertos de Música de

Natal, peças de teatro no Carnaval ou S. João, e ainda eventos religiosos como a celebração eucarística por ocasião da vinda do Papa à cidade do Porto ou a Missa de Bênção das Capas. Trata-se de eventos que na sua maioria implicam que o cenário se adapte e se transfigure. O espaço disneyfica-se, isto é, o espaço obedece a uma temática e o público é convidado a participar com determinados comportamentos, adereços e vestuário (sob a coordenação dos colaboradores das iniciativas). Verifica-se ainda, o apelo a um consumo híbrido relacionado com os eventos que se organizam como os martelinhos, os manjericos ou os alhos-porros no S. João ou com os cravos nas Comemorações do 25 de Abril ou ainda com o material e equipamento dos patrocinadores das diferentes equipas participantes, como por exemplo, no Road-Show do Rally de Portugal ou na Corrida da Mulher. Mas, há também a distribuição de material publicitário e promocional das entidades que patrocinam os eventos. Os participantes, transformados em atores, tentam envolver o público procurando que estes “convidados” participem nos eventos e adiram ao espetáculo. Porém, nada disto é possível sem a organização de controlo e vigilância para salvaguardar atores e público em geral. As infra-estruturas são montadas e desmontadas, por vezes, a um ritmo alucinante contribuindo para a cultura do efémero e da arquitetura pós-moderna, onde é privilegiado o estético em detrimento do ético. Por outro lado, nem sempre as condições de participação são as melhores em virtude do espaço e a distância não permitirem a visualização do desenrolar dos eventos. Deste modo, promove-se a virtualização e a mediatização dos eventos. As pessoas estão presentes e contribuem para o cenário mas acompanham o seu desenrolar pelas telas gigantes montadas nestes espaços. A cidade “palimpsesto”, moldável ao tipo de evento que se quer realizar visam sobretudo as grandes concentrações. O local serve apenas como cenário para aí realizar, organizar e celebrar o global. Os residentes preferem outros locais à Avenida dos Aliados (Fotografia 20), a qual tem aumentado o número de esplanadas de cafés que existem ou vão abrindo neste espaço. A ideia é contemplar a arquitetura do início do século XX, onde os turistas aproveitam para calmamente sem agitação e em pequeno número captar as melhores imagens deste espaço público ou a registarem a sua presença através da lente de uma máquina fotográfica ou de filmar.

4. Zona ribeirinha do Cais de Gaia (Vila Nova de Gaia)

Vila Nova de Gaia atingiu grande prosperidade no século XVIII, com a fixação de artífices, mercadores e homens de negócios nas casas e armazéns da zona ribeirinha.

O vinho novo era então transportado do vale do Douro para os armazéns aí construídos, onde ficava a envelhecer durante alguns anos. Até 1986, todo o vinho destinado à comercialização tinha que ser expedido das caves de Vila Nova de Gaia. (COUTINHO, 2011)

O programa de reabilitação da zona histórica de Gaia teve como finalidade tornar esta área um pólo de dinâmicas metropolitanas ao nível turístico, cultural e de lazer. As intervenções na área ribeirinha, entre a Ponte D. Luís e o Cais de Gaia foram das primeiras a decorrer. Foi construído um passeio fluvial de dimensões consideráveis, que passou a permitir a realização de caminhadas com oportunidade de paragem, para contemplação da outra margem do rio e mesmo para descanso. A construção do atual empreendimento do Cais de Gaia, uma obra do arquiteto Tasso de Sousa, em parceria com Eduardo Cabral dos Santos, visou a renovação e valorização desta zona. A obra do Cais de Gaia foi iniciada em Dezembro de 2000 – em paralelo com a instalação do tubo emissário pela Águas de Gaia – e concluída três anos depois. Trata-se de uma estrutura com cerca de 30 estabelecimentos comerciais, inaugurada em Maio de 2003, com 27 mil metros quadrados de explanadas, lagos, bares e cafés. (MACHADO, 2004, p. 62) A necessidade de recolher os esgotos da parte mais antiga da cidade de Gaia (escarpa da serra do Pilar e armazéns de vinho do Porto), levou a que a empresa municipal Águas de Gaia instalasse um tubo emissário por toda a costa, capaz de transportar os resíduos até à estação de tratamento na Madalena. A colocação desse tubo implicou o levantamento dos arruamentos que, juntamente com os passeios, foram reconstruídos ao longo dos cinco quilómetros compreendidos pela obra. (LEANDRO, 2004)

A zona ribeirinha do Cais de Gaia é um espaço público que privilegia a paisagem, seja a natural (rio Douro), seja a humana (cidade do Porto). O conjunto é de uma extraordinária beleza e convida turistas e residentes a desfrutarem da mesma, caminhando, praticando desporto, observando e contemplando a paisagem ou mesmo registando visualmente a mesma. A temática do vinho do Porto é aproveitada em Vila Nova de Gaia para dinamizar este espaço público. Assim, as várias caves de Vinho do Porto para além da comercialização deste tipo de vinho, organizam visitas guiadas às suas caves, dando a conhecer a sua história, bem como, as suas caves e o vinho por si comercializados. Porém, existem outros elementos que complementam esta recriação museológica como seja os barcos rabelos estacionados na margem do Cais de Gaia, a organização da regata deste tipo de barcos. Para além disso, a animação que se verifica amiúdas vezes com as danças dos ranchos folclóricos e festivais ajudam a recriar uma

certa ambiência e tematização do tradicional. As várias feiras de artesanato e mesmo o apoio do município de Vila Nova de Gaia à eleição das “tripas à moda do Porto” como maravilha gastronómica permitem considerarmos a escolha da tradição como o tema privilegiado deste espaço público. Neste âmbito, não podemos esquecer as festas de S. João e a organização do fogo-de-artifício como uma das tradições a manter neste espaço. Para além de se constituir como espaço de ócio e lazer promove igualmente o espaço familiar e desportivo enquanto valores tradicionais. Por último, há ainda a referir que como espaço turístico procura através da organização de alguns eventos constituir-se como um espaço global, fortemente mediatizado, como aconteceu com a organização da competição Red Bull Air Race ou a instalação do teleférico nesta área.

5. Comparação entre a Avenida dos Aliados e a zona ribeirinha do Cais de Gaia

A Avenida dos Aliados pode ser considerada um “objeto de arte” e possui valor histórico e arquitetónico, bem como interesse turístico, tanto mais que aí se localizam alguns hotéis da cidade. É porém, pouco dinamizada apesar de ser um ponto de confluência de portuenses e gaienses que trabalham na cidade do Porto.

Por seu lado, a zona ribeirinha do Cais de Gaia é dinamizada para atrair turistas, destacando-se neste espaço as caves do Vinho do Porto e a paisagem sobre o rio Douro e a cidade do Porto. Trata-se de um espaço onde as pessoas podem usufruir do espaço para contemplar, descansar ou caminhar, apesar de não se constituir como um espaço de confluência dos gaienses.

“Eu acho que qualquer pessoa que chega à Avenida dos Aliados e vê aquele maciço de edifícios todos de granito que envolvem a própria Praça e a própria Praça no fim, sendo que é a essência do Porto que é uma cidade de trabalho, uma cidade comercial, uma cidade que viveu sempre desta vocação comercial e que tem na sua essência isso mesmo enquanto o Cais de Gaia, obviamente que é uma estrutura que serviu para dinamizar a zona ribeirinha de Gaia e que tem as caves de Vinho do Porto atrás e que penso que é algo que até uma mostra muito simpática até do que é o Porto do outro lado, mas que é algo que não consegue absorver a essência da matriz de uma história de um passado que toda esta Praça tem.”

(Luísa Roseira, Assessora do Vereador do Turismo, Inovação e Lazer)

“acho que os Aliados, pelos seus prédios, pelos seus edifícios, pelas suas estátuas conta uma história... mais história se é que assim lhe podemos chamar do que o Cais de Gaia que conta no fundo mais a natureza... está mais ligado à natureza e ao rio, ao Douro e à história do Douro. Mas de resto acho que são completamente diferentes.”

(Jorge Oliveira, Presidente da Direção do Espaço t – Associação para o Apoio à Integração Social e Comunitária)

“O Cais de Gaia está promovido e a Avenida dos Aliados não está promovida. Por isso, esse é que é o ponto de encontro entre os dois. Num não tem nada e no outro tem alguma coisa, de fato.”

(Avelino Soares, Diretor da Feira do Livro)

“a Avenida dos Aliados é muito mais um ponto de confluência dos portuenses do que o Cais de Gaia um ponto de confluência dos gaienses. (...) grande parte dos gaienses trabalham no Porto e grande parte dos gaienses vão... deslocam-se para o Porto, trabalham e depois no fim do dia regressam a casa. Vila Nova de Gaia tem muito mais habitantes do que o Porto e provavelmente a zona dos Aliados independentemente de ser um local de grande atração turística, também é um local de grandes... onde existem alguns serviços. (...) Penso que a diversidade ali da Avenida dos Aliados é muito mais ampla. No Cais de Gaia essencialmente é uma cultura à base do turismo portanto... em que temos a recepção... fazemos a recepção aos turistas nas nossas caves do Vinho do Porto e depois tudo o resto se desenvolve um bocado para o turista.”

(Paulo Peres, Adjunto do Vereador do Turismo)

Conclusões

As cidades de Porto e Vila Nova de Gaia integram-se na Área Metropolitana do Porto, assumindo, por isso, relevância política, económica e social. Trata-se de cidades – sobretudo a do Porto – responsáveis pela crescente urbanização dos concelhos ou municípios limítrofes, dada a centralidade que assumem nas suas regiões.

A requalificação dos centros históricos e a assumida importância turística levam-nos a aplicar o conceito de cidade genérica, às cidades do Porto e de Vila Nova de Gaia, em virtude da criação de infra-estruturas turísticas em detrimento de infra-estruturas para os residentes. Ora, a cidade genérica é, segundo Koolhaas (2006, p. 11-22), a cidade sem identidade, sem história, descaracterizada pela arquitetura e pelas redes multinacionais enquanto a cidade global diz respeito aos fragmentos urbanos especialmente bem comunicados, reais e virtuais, com outras áreas globais. (MUXÍ, 2004, p. 27) Deste modo, os centros urbanos estão cada vez mais ocupados por pessoas de classe média e alta que optam por viver nestes espaços requalificados e objeto de gentrificação, onde os naturais têm cada vez menos lugar e visibilidade. Esta requalificação é, aliás, acompanhada pela implementação de medidas de segurança, não só físicas como virtuais.

Os espaços públicos são cada vez mais marcados pela tensão local/global, efémero/permanente, centralização/descentralização, real/virtual e ético/estético, fruto das perspetivas pós-fordista, pós-modernista e pós-estruturalista. É igualmente de

realçar a importância, consequência destas perspetivas, dos conceitos “espaço-lixo” e arquitetura do “espetáculo”. O primeiro conceito, como vimos, visa criticar a excessiva preocupação contemporânea com as massas e com os objetos em detrimento do espaço e das pessoas. Segundo esta lógica, os próprios espaços públicos da cidade contemporânea são criados para o espetáculo, para o consumo e para o lazer em detrimento da convivência com o “outro”. (KOOLHAAS, 2007, p. 6-7) O consumo é simbólico e não apenas, nem predominantemente, funcional ou determinado pelo preço. (LASH e URRY, 1998, p. 370)

As noções de espaço e tempo, bem como, a de compressão espaço-temporal, em virtude das barreiras espaciais que a aceleração do ritmo de vida coloca, implica o local na produção do global, em qualquer um dos espaços por nós estudados. Daí que, a requalificação da Avenida dos Aliados e do Cais de Gaia revele o contínuo desinteresse dos habitantes da própria cidade por estes espaços, onde os limites simbólicos da cidade são mais amplos que os seus limites físicos. Aqui, assumem responsabilidades éticas, os arquitetos nos projetos de renovação e requalificação urbana, a que as cidades do Porto e de Vila Nova de Gaia foram sujeitas. As preferências estéticas em prejuízo das éticas são evidentes em qualquer um dos espaços.

A mediatização das relações sociais, políticas, culturais e desportivas transformou a sociedade atual numa sociedade do espetáculo. As relações sociais são mediadas por imagens e tudo se transforma em representação. (DEBORD, 2008, p. 13-14) A própria organização de eventos sociais, culturais, económicos e turísticos nos espaços públicos têm como principais destinatários os turistas e as principais motivações dos seus organizadores são então da índole da ação/dinamização.

De 2007 a 2011, foram organizados, na Avenida dos Aliados, eventos políticos, estudantis, desportivos, culturais e religiosos. Nestas ocasiões, o cenário teve que se adaptar e transfigurar para o acolhimento da maioria destes eventos. O espaço se disneyizou, para obedecer à temática onde o público era convidado a participar com determinados comportamentos, adereços e vestuário (sob a coordenação dos colaboradores das iniciativas). Não faltou o consumo híbrido relacionado com os eventos quer através da venda, quer através da distribuição de material publicitário e promocional das entidades patrocinadoras. O controlo e a vigilância foram também salvaguardados. As infra-estruturas foram montadas e desmontadas, a um ritmo alucinante, contribuindo para a cultura do efémero e da arquitetura pós-moderna. E, apesar das condições de participação nem sempre serem as melhores, a virtualização e a

mediatização dos eventos eram todavia asseguradas. As pessoas estavam presentes e contribuíam para o cenário acompanhando, muitas vezes, através das telas gigantes montadas na Avenida dos Aliados. A cidade “palimpsesto”, molda-se, por conseguinte, ao tipo de evento que se realiza. O local serve de cenário para realizar, organizar e celebrar o global. Os residentes são obrigados a optar por locais mais acolhedores. As esplanadas de cafés e restaurantes invadem o espaço público, oferecendo o simulacro da realidade. Na Avenida dos Aliados, o cenário é a arquitetura do início – e meados – do século XX, onde os turistas podem, em pequeno número e quotidianamente, captar as melhores imagens deste espaço público ou registar a sua presença através da lente de uma máquina fotográfica ou de filmar.

A zona ribeirinha do Cais de Gaia é um espaço público que privilegia a paisagem, seja a natural (rio Douro), seja a humana (cidade do Porto). O conjunto é de extraordinária beleza e convida turistas e residentes a desfrutarem da mesma, caminhando, praticando desporto, observando e contemplando a paisagem ou mesmo registando visualmente a mesma. A temática do vinho do Porto é aproveitada em Vila Nova de Gaia para dinamizar este espaço público. Assim, as várias caves de Vinho do Porto, para além da comercialização deste tipo de vinho, organizam visitas guiadas às suas caves, dando a conhecer a sua história, bem como, as suas caves e as marcas de vinho por si comercializadas. Existem outros elementos que complementam esta recriação museológica como seja os barcos rabelos estacionados na margem do Cais de Gaia, a organização anual da regata deste tipo de barcos. Para além disso, a animação que se verifica, amiúdas vezes, com as danças dos ranchos folclóricos e festivais ajudam a recriar uma certa ambiência e tematização do tradicional.

A disneyização e a tematização dos espaços públicos – Avenida dos Aliados e Cais de Gaia – promovem o lazer, onde a segurança é um garante da sua ocupação. Estes espaços são, por isso, espaços mediatizados, de espetáculo e de espetacularização, onde o residente, o consumidor e o turista são transformados em atores. Trata-se de espaços que vivem de uma programação e do tipo de comércio que aí se verifica. O papel, herança e estatuto do artista e do grupo de artes, também irá influenciar o desenho e o planeamento urbanos em termos das atividades mais óbvias, como arte pública, produção e troca, bem como, a liberdade relativa que os estados permitem enquanto criação artística, consumo coletivo e ação social. (EVANS, 2001, p. 229)

Na comparação entre espaços públicos – Avenida dos Aliados e zona ribeirinha do Cais de Gaia – verificamos que ao nível das representações, a primeira possui um

valor superior em termos políticos, históricos e arquitetónicos ao espaço de Vila Nova de Gaia, embora o segundo seja mais promovido, tirando por conseguinte, vantagens desta situação. A zona ribeirinha do Cais de Gaia beneficia então pela existência das Caves do Vinho do Porto e pela sua localização paisagística. No entanto, o espaço público do Porto é criticado pela falta de animação devido à ausência de promoção e de alguns serviços ligados à cultura e à restauração. Por último, sobressai a ideia de que a zona ribeirinha do Cais de Gaia deve seguir o seu próprio curso e originalidade.

Referências bibliográficas

- AMENDOLA, G. **La ciudad postmoderna. Magía y miedo de la metrópolis contemporánea**. Madrid: Celeste Ediciones, 2000.
- ARANTES, O. Uma estratégia fatal – A cultura nas novas gestões urbanas. In: OTÍLIA A., VAINER C. e MARICATO E. **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos** (4ª ed.). Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2007. pp. 11-74.
- ASCHER, F. **Metapolis – Acerca do futuro da cidade**. Oeiras: Celta Editora, 1998.
- CANCLINI, N. **Imaginarios Urbanos**. Buenos Aires: Eudeba, 1999.
- CASTELLS, M. **Problemas de investigación en Sociología Urbana** (16ª ed.). México: Siglo Veintiuno Editores, 2001.
- CLARK, T. Race and Class versus the New Political Culture. In: CLARK T. (Ed.). **Urban innovation: creative strategies for turbulent times**. Thousand Oaks: Sage Publications, 1994. pp. 21-78.
- COUTINHO, C. (Dir.). **Distrito de Porto, Vila Nova de Gaia**. In: LIFE COOLER – PORTAL DE TURISMO, Lisboa: Sítios, Serviços de Informação Turística, SA, 2011. Disponível em: <http://www.lifecooler.com/edicoes/lifecooler/localidades.asp?funcao=Pesquisar1&distritos=13&concelhos=13_17>.
- DEBORD, G. **A sociedade do espectáculo** (10ª reimp.). Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.
- EVANS, G. **Cultural planning, an urban renaissance**. London: Routledge, 2001.
- FEATHERSTONE, M. Culturas globais e culturas locais. In: FORTUNA C (Org.). **Cidade, Cultura e Globalização: Ensaio de Sociologia**. 2ª ed. Celta Editora, Oeiras, 2001. p. 83-103.

- HARVEY, D. **Espacios del capital. Hacia una geografía crítica.** Madrid: Ediciones Akal, 2007.
- HARVEY, D. **La condición de la posmodernidad: investigación sobre los orígenes del cambio cultural** (1ª ed. e 1ª reimp.). Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2004.
- KOOLHAAS, R. **Espacio basura.** Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2007.
- KOOLHAAS, R. **La ciudad genérica** (2ª ed.). Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2006.
- LASH, S. e URRY, J. **Economías de signos e espacio: sobre el capitalismo de la posorganización.** Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1998.
- LEANDRO, L. Requalificação de Gaia. In: LABORATÓRIO DE IMPRENSA UFP. **Pessoas Revista - Revista do Laboratório de Imprensa da Universidade Fernando Pessoa.** 2004. Disponível em: <<http://pessoasrevista.blogspot.com/2004/06/requalificacao-de-gaia.html>>.
- LOPES, J. Políticas culturais urbanas. In FORTUNA C. e LEITE R. (Orgs.). **Plural de cidade: novos léxicos urbanos.** Coimbra: Edições Almedina, 2009. pp. 171-186
- MACHADO, I. **Sobre vivências urbanas: estilos de vida e práticas sociais em contexto de requalificação urbana – o caso do Centro Histórico de Vila Nova de Gaia** (Dissertação de Mestrado). Porto: FLUP, 2004.
- MACIOCCO, G. **Fundamental trends in city development** – vol. 1. Heidelberg, Berlin, New York: Springer, 2008.
- MARTINS, A. **O espaço público: Pressupostos, meios e bases de uma política de espaços públicos na área oriental da cidade do Porto** (Dissertação final). Porto: Faculdade de Engenharia – Faculdade de Arquitectura, 1996.
- MUXÍ, Z. **La arquitectura de la ciudad global.** Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2004.
- PEIXOTO, P. **Centros históricos e sustentabilidade cultural das cidades** (Separatas), Departamento de Sociologia, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2003. pp. 211-226
- SOUSA, J. Avenida dos Aliados. In: **Palavras da Arquitectura e Projectos.** 2007. Disponível em: <<http://palavras-arquitectura.com/tag/alvaro-siza-vieira/>>. Acesso em: 2 jul 2009.
- ZUKIN, S. **The cultures of cities.** Cambridge: Blackwell Publishers, 2006.